

ALICE MENDONÇA
(org)



O FUTURO DA ESCOLA PÚBLICA

1ª Edição 2013


UNIVERSIDADE da MADEIRA
www.uma.pt

CIE-UMa
Centro de Investigação em Educação
www.uma.pt/cie-uma

ALICE MENDONÇA (Org.)

O Futuro da Escola Pública

Título

O Futuro da Escola Pública

Organizador

Alice Mendonça

Edição

Centro de Investigação em Educação – CIE-UMa

Design Gráfico

Énio Freitas

Impressão e Acabamento

João Duarte, Unipessoal, Lda

Tiragem

200 Exemplares

ISBN

978-989-97490-4-7

Depósito Legal

368947/13

© CIE-UMa 2013

www.uma.pt/cie-uma

The logo for FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) consists of the letters 'FCT' in a bold, green, sans-serif font.

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

PEST-OE/CED/UI4083/2011

CONFLITOS NO ENSINO PORTUGUÊS: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O ENSINO PÚBLICO E O ENSINO PRIVADO

Odete Teixeira

Escola Básica do Primeiro Ciclo com Pré-Escolar de Carvalhal e Carreira

Margarida Pocinho

Universidade da Madeira

INTRODUÇÃO

Na prática pedagógica diária nas escolas lidamos com questões e problemas que inquietam principalmente a classe docente, para os quais não encontramos soluções que os diminuam ou resolvam definitivamente. Cada vez mais os meios sociais noticiam episódios de violência nas escolas, envolvendo alunos e professores. Após alguma pesquisa em livros e artigos, encontramos uma multivariada de “causas”, que justificam esta problemática, atualmente muito debatida e opinada por especialistas na matéria e por toda a comunidade escolar.

Com o intuito de que pudessemos contribuir para despertar/informar e/ou ajudar nesta problemática, decidimos não incidir o nosso estudo sobre a violência mas sim no que, após várias pesquisas, consideramos ser um dos fatores principais para a desencadear: os conflitos.

Os estudos sobre os conflitos estão entre os mais antigos na história. Ao longo da história da humanidade, diversos campos do conhecimento, da Psicologia à Economia, contribuíram para a interpretação de formas violentas de conflitos, como também de outras formas mais subtis de embate entre indivíduos, entre grupos sociais e entre Estados (Acuff, 1993). O conflito pode ser definido como uma relação de contradição entre dois princípios ou propostas, constituída a partir das determinações que cada um exerce, num objeto comum aos dois (Abbagnano, 1998). Carita (2005) caracteriza o conflito como parte das situações de crise, de rotura, de desequilíbrio, de situações inerentes à vida e ao crescimento dos indivíduos, das relações, dos grupos e das instituições. Pain (2006) entende que por estas serem situações vitais de competição por bens escassos, os conflitos estão intrinsecamente ligados ao ser humano. Individuais e coletivamente, eles representam uma ação que provoca tensões e exige soluções. Alguns autores, tal como Chrispino (2007), declaram que o conflito é motor de desenvolvimento social e que os efeitos são positivos, se geridos adequadamente, de modo a estabelecer relações de cooperação encontrando soluções para o problema, que beneficiem ambas as partes. As mais recentes investigações ao nível da Psicologia do Trabalho consideram que o conflito fomenta a reflexão sobre o trabalho, promove novas

aprendizagens, cria novas relações entre os membros, estimula a coesão, a autoestima profissional e o espírito de equipa (Guillén Gestoso, 2007).

O conflito está intrinsecamente ligado ao quotidiano escolar, embora o aumento da sua frequência constitua atualmente motivo de preocupação. Nalgumas situações o apelo às regras de sala de aula é suficiente para atenuar os conflitos, noutras porém, o docente tem que dar uma resposta proporcional às condutas que colocam em causa a sua autoridade (Costa, 2003). Como o conflito é um fenómeno incontornável é essencial compreendê-lo e geri-lo para que os seus aspetos positivos sejam utilizados e os negativos sejam anulados (Cunha, 2004).

Urge a necessidade de analisar como professores e alunos reagem aos conflitos e que técnicas empregam para os resolverem. Queremos averiguar se os processos são eficazes, variados e se respondem atempadamente a uma pluralidade de conjunturas de dissentimento interpessoal. Esta investigação centra-se assim sobre o universo de professores e alunos das Escolas do Primeiro Ciclo de um concelho na Região Autónoma da Madeira. Tem como objetivos identificar os conflitos que ocorrem na sala de aula e analisar como estes são geridos pelo professor e pelos alunos. Almeja também analisar se as técnicas de gestão de conflitos estão divulgadas pelos docentes e se estas são implementadas e transmitidas pelos docentes aos alunos, para que estes lidem eficazmente com esta problemática. Esta investigação tem ainda por base a comparação entre o ensino público e o ensino privado.

METODOLOGIA

Neste estudo foi utilizada uma metodologia mista de carácter descritivo, amostral e transversal. Os instrumentos utilizados basearam-se em entrevistas a professores e questionários aos docentes e aos alunos do ensino público e privado.

Os questionários efectuados aos alunos e aos professores são compostos por uma primeira parte que se reporta a dados sociodemográficos. Os questionários aplicados aos professores incluem uma segunda parte que corresponde, de uma maneira geral, ao conhecimento de técnicas de gestão de conflitos e sua aplicação. Por sua vez, a terceira parte contém um conjunto de afirmações, às quais os inquiridos teriam de assinalar segundo a escala “Sempre”, “Às vezes”, “Raramente” ou “Nunca”. Os questionários aplicados aos alunos incluem afirmações que, na grande maioria, seguem as opções de escolha “Sim”, “Às vezes”, “Não” ou “Não sabe/Não responde”. As questões são maioritariamente de natureza fechada, apesar de no questionário aplicado aos professores existirem questões abertas.

A informação contida nos questionários aplicados foi introduzida na folha de cálculo do Microsoft Office Excel 2007, sendo posteriormente exportada para o software estatístico PASW. Os resultados foram apresentados de acordo com as duas amostras: professores e alunos, tendo sempre presente a comparação entre o ensino público e privado. Os resultados das entrevistas foram obtidos através da análise ao conteúdo.

Amostra

Esta investigação incide sobre uma amostra composta por trezentos e vinte alunos e cento e sessenta e seis professores, aos quais foram aplicados os questionários. Os alunos frequentam o quarto ano de escolaridade em escolas públicas e privadas do Primeiro Ciclo do Ensino Básico de um concelho da Região Autónoma da Madeira. Os professores inquiridos têm, em média, 35 anos, tendo-se registado a idade mínima de 22 anos e a máxima de 64 anos. Possuem em média 10 anos de tempo de serviço total, embora na escola o tempo médio de serviço seja de 6 anos. É no ensinoprivado que se verifica o maior tempo de serviço na carreira docente e na escola (47 anos), assim como a idade mais nova (22 anos).

Dos 320 alunos inquiridos, 71,9% têm 9 anos de idade e 25,6% têm 10. Relativamente ao género, podemos afirmar que se trata de uma amostra homogénea já que 54,7% dos inquiridos são meninas e 45,3% meninos. A maioria (91,3%) dos alunos inquiridos nasceu na Região Autónoma da Madeira.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Após a análise aos resultados dos alunos, numa primeira fase quisemos apurar os motivos e/ou comportamentos que desencadeiam conflitos na sala de aula.

Verificámos que 94,4% das crianças do ensino privado referiram que a família interessa-se pela escola, sendo esta percentagem ligeiramente inferior no grupo de alunos do ensino público. Também a percentagem de alunos do ensino privado que afirmam que os seus pais gostam do professor é ligeiramente superior aos do ensino público. (respectivamente 90,0%, e 85,0%). A maioria dos alunos que indicou que os seus pais não os deixam fazer o que querem na escola situa-se no ensino privado (96,9%), enquanto no ensino público o valor é de 93,1%.

No que concerne às diferenças mais significativas, verifica-se que é no ensino privado que os alunos mais gostam da escola, das aulas, do professor e que sentem que os professores gostam deles. Relativamente ao facto dos alunos irem à escola obrigados, as diferenças significativas situam-se nos que responderam que “às vezes” vão obrigados, encontrando-se mais alunos no ensino público com esta característica. No que se reporta a fazerem o que querem e quando lhes apetece na sala de aula, é novamente no ensino público que podemos encontrar mais alunos com esta atitude (Tabela 1). São mais os alunos do ensino público a indicar que às vezes são os colegas mais velhos que provocam as brigas dentro da sala de aula. Relativamente às queixas envoltas no processo dos conflitos (Tabela 2), são sobretudo os alunos do ensino privado que indicam ser empurrados. Reconhecem maioritariamente que os colegas gostam deles e que são todos seus amigos. “Chamarem nomes feios”, dizerem “coisas feias”, serem alvo de gozo ou humilhação são também posturas mais acentuadas nos alunos do ensino público. Ao invés, no ensino privado a maioria dos alunos reconhece que ninguém diz coisas más sobre a sua família, que não brigam quando há opiniões diferentes e que não são colocados

Tabela 1. Motivos/comportamentos que desencadeiam os conflitos na sala de aula.

Motivos/Comportamentos dos conflitos	Tipo de ensino	Sim		Às vezes		Não		NS/NR	
		N	%	N	%	N	%	N	%
		A família interessa-se pela escola	Público	141	88,1%	12	7,5%	3	1,9%
	Privado	151	94,4%	7	4,4%	0	0,0%	2	1,3%
	Total	292	91,3%	19	5,9%	3	0,9%	6	1,9%
Gosta da escola (*)	Público	103	64,4%	51	31,9%	6	3,8%	0	0,0%
	Privado	135	84,4%	16	10,0%	5	3,1%	4	2,5%
	Total	238	74,4%	67	20,9%	11	3,4%	4	1,3%
Vai à escola obrigado (**)	Público	13	8,1%	14	8,8%	129	80,6%	4	2,5%
	Privado	18	11,3%	1	0,6%	138	86,3%	3	1,9%
	Total	31	9,7%	15	4,7%	267	83,4%	7	2,2%
Gosta das aulas (*)	Público	109	68,1%	44	27,5%	6	3,8%	1	0,6%
	Privado	134	83,8%	17	10,6%	3	1,9%	6	3,8%
	Total	243	75,9%	61	19,1%	9	2,8%	7	2,2%
Gosta do professor (*)	Público	123	76,9%	36	22,5%	0	0,0%	1	0,6%
	Privado	148	92,5%	7	4,4%	4	2,5%	1	0,6%
	Total	271	84,7%	43	13,4%	4	1,3%	2	0,6%
Sente que o professor gosta dele (*)	Público	104	65,0%	36	22,5%	12	7,5%	8	5,0%
	Privado	131	81,9%	12	7,5%	4	2,5%	13	8,1%
	Total	235	73,4%	48	15,0%	16	5,0%	21	6,6%
Faz o que quer e quando lhe apetece na sala (*)	Público	5	3,1%	31	19,4%	124	77,5%	0	0,0%
	Privado	4	2,5%	6	3,8%	148	92,5%	2	1,3%
	Total	9	2,8%	37	11,6%	272	85,0%	2	0,6%
Os seus pais gostam do professor	Público	136	85,0%	6	3,8%	5	3,1%	13	8,1%
	Privado	144	90,0%	4	2,5%	2	1,3%	10	6,3%
	Total	280	87,5%	10	3,1%	7	2,2%	23	7,2%
Os seus pais deixam-lhe fazer o que quer na escola	Público	2	1,3%	8	5,0%	149	93,1%	1	0,6%
	Privado	0	0,0%	4	2,5%	155	96,9%	1	0,6%
	Total	2	0,6%	12	3,8%	304	95,0%	2	0,6%

(*) p-value<0,001; (**) p-value<0,05

à parte por terem dificuldades de aprendizagem. Com pequenas oscilações percentuais surge o facto de a maioria dos alunos do ensino público indicar que nunca são colocados à parte por serem mais velhos, por serem repetentes ou por terem sempre boas notas. Coadunamos ainda o dado de 37,5% dos alunos do ensino

público serem “às vezes” vítimas do bater, valor que é menor no grupo dos alunos pertencentes ao ensino privado (26,3%).

Tabela 2. Consequências dos conflitos.

Consequências dos conflitos	Tipo de ensino	Sim		Às vezes		Não		NS/NR	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Empurram-te (**)	Público	29	18,1%	61	38,1%	69	43,1%	1	0,6%
	Privado	15	9,4%	85	53,1%	59	36,9%	1	0,6%
	Total	44	13,8%	146	45,6%	128	40,0%	2	0,6%
Chamam-te nomes feios (**)	Público	41	25,6%	53	33,1%	65	40,6%	1	0,6%
	Privado	18	11,3%	58	36,3%	81	50,6%	3	1,9%
	Total	59	18,4%	111	34,7%	146	45,6%	4	1,3%
Dizem coisas más sobre ti (**)	Público	31	19,4%	53	33,1%	72	45,0%	4	2,5%
	Privado	14	8,8%	50	31,3%	82	51,3%	14	8,8%
	Total	45	14,1%	103	32,2%	154	48,1%	18	5,6%
Tiram-te coisas (**)	Público	6	3,8%	50	31,3%	101	63,1%	3	1,9%
	Privado	4	2,5%	33	20,6%	123	76,9%	0	0,0%
	Total	10	3,1%	83	25,9%	224	70,0%	3	0,9%
Dizem coisas más sobre a tua família	Público	4	2,5%	20	12,5%	130	81,3%	6	3,8%
	Privado	4	2,5%	12	7,5%	141	88,1%	3	1,9%
	Total	8	2,5%	32	10,0%	271	84,7%	9	2,8%
Gozam/humilham-te (**)	Público	28	17,5%	23	14,4%	106	66,3%	3	1,9%
	Privado	10	6,3%	33	20,6%	113	70,6%	4	2,5%
	Total	38	11,9%	56	17,5%	219	68,4%	7	2,2%
Brigam contigo porque tens uma opinião diferente	Público	14	8,8%	30	18,8%	114	71,3%	2	1,3%
	Privado	6	3,8%	31	19,4%	121	75,6%	2	1,3%
	Total	20	6,3%	61	19,1%	235	73,4%	4	1,3%
És colocado à parte porque não nasceste na Madeira	Público	2	1,3%	9	5,6%	148	92,5%	1	0,6%
	Privado	1	0,6%	6	3,8%	150	93,8%	3	1,9%
	Total	3	0,9%	15	4,7%	298	93,1%	4	1,3%
És colocado à parte porque és um dos alunos mais velhos	Público	5	3,1%	8	5,0%	143	89,4%	4	2,5%
	Privado	0	0,0%	7	4,4%	150	93,8%	3	1,9%
	Total	5	1,6%	15	4,7%	293	91,6%	7	2,2%
Gostam de ti, são todos teus amigos (*)	Público	83	51,9%	43	26,9%	33	20,6%	1	0,6%
	Privado	113	70,6%	29	18,1%	12	7,5%	6	3,8%
	Total	196	61,3%	72	22,5%	45	14,1%	7	2,2%
Colocam-te à parte porque és repetente	Público	7	4,4%	4	2,5%	142	88,8%	7	4,4%
	Privado	1	0,6%	3	1,9%	148	92,5%	8	5,0%
	Total	8	2,5%	7	2,2%	290	90,6%	15	4,7%
Colocam-te à parte porque vives num sítio diferente da maioria dos teus colegas	Público	1	0,6%	3	1,9%	150	93,8%	6	3,8%
	Privado	3	1,9%	3	1,9%	150	93,8%	4	2,5%
	Total	4	1,3%	6	1,9%	300	93,8%	10	3,1%
Colocam-te à parte porque tens sempre boas notas	Público	3	1,9%	12	7,5%	142	88,8%	3	1,9%
	Privado	2	1,3%	6	3,8%	149	93,1%	3	1,9%
	Total	5	1,6%	18	5,6%	291	90,9%	6	1,9%
Colocam-te à parte porque tens dificuldades de aprendizagem	Público	2	1,3%	17	10,6%	137	85,6%	4	2,5%
	Privado	2	1,3%	10	6,3%	143	89,4%	5	3,1%
	Total	4	1,3%	27	8,4%	280	87,5%	9	2,8%
Batem-te	Público	13	8,1%	60	37,5%	87	54,4%	0	0,0%
	Privado	9	5,6%	42	26,3%	108	67,5%	1	0,6%
	Total	22	6,9%	102	31,9%	195	60,9%	1	0,3%

(*) p-value<0,001; (**) p-value<0,05

Relativamente aos dados obtidos no questionário implementado aos professores, podemos afirmar que os professores do ensino público indicam como fatores impulsionadores dos conflitos entre os alunos na sala de aula: a antipatia pelo colega, o facto de o aluno ser repetente, as opiniões divergentes, as diferentes personalidades, as dificuldades de aprendizagem e a falta de higiene.

Tabela 3. Motivos da ocorrência de conflitos nos alunos.

Os alunos desenvolvem atitudes conflituosas por:	Tipo de ensino	Sempre		Às vezes		Raramente		Nunca	
		N	%	N	%	N	%	N	%
1.Desinteresse académico (*)	Público	24	28,6%	49	58,3%	6	7,1%	5	6,0%
	Privado	8	9,8%	41	50,0%	29	35,4%	4	4,9%
	Total	32	19,3%	90	54,2%	35	21,1%	9	5,4%
2.Um ambiente familiar instável (**)	Público	40	47,6%	38	45,2%	3	3,6%	3	3,6%
	Privado	15	18,3%	53	64,6%	9	11,0%	5	6,1%
	Total	55	33,1%	91	54,8%	12	7,2%	8	4,8%
3.Escassez de recursos económicos familiares	Público	7	8,3%	35	41,7%	34	40,5%	8	9,5%
	Privado	4	4,9%	32	39,0%	27	32,9%	19	23,2%
	Total	11	6,6%	67	40,4%	61	36,7%	27	16,3%
4.Características da personalidade do próprio aluno (**)	Público	16	19,0%	48	57,1%	20	23,8%	0	0,0%
	Privado	30	36,6%	40	48,8%	9	11,0%	3	3,7%
	Total	46	27,7%	88	53,0%	29	17,5%	3	1,8%
5.Conteúdos curriculares com pouco interesse	Público	2	2,4%	31	36,9%	33	39,3%	18	21,4%
	Privado	0	0,0%	44	53,7%	22	26,8%	15	18,3%
	Total	2	1,2%	75	45,2%	55	33,1%	33	19,9%
6.Regras de sala de aula mal definidas	Público	6	7,1%	17	20,2%	30	35,7%	31	36,9%
	Privado	4	4,9%	17	20,7%	30	36,6%	30	36,6%
	Total	10	6,0%	34	20,5%	60	36,1%	61	36,7%
7.Baixa autoestima (**)	Público	7	8,3%	44	52,4%	18	21,4%	15	17,9%
	Privado	16	19,5%	47	57,3%	16	19,5%	3	3,7%
	Total	23	13,9%	91	54,8%	34	20,5%	18	10,8%
8.Querer chamar à atenção dos outros (*)	Público	36	42,9%	46	54,8%	2	2,4%	0	0,0%
	Privado	11	13,4%	65	79,3%	6	7,3%	0	0,0%
	Total	47	28,3%	111	66,9%	8	4,8%	0	0,0%

(*) p-value<0,001; (**) p-value<0,05

Ao invés, no ensino privado os professores indicam que as situações conflituosas nunca são determinadas por fatos como: o aluno ser o mais novo ou o mais velho, ser repetente, a diferença geográfica, os furtos, a discriminação

socioeconómica e a falta de higiene. No que respeita aos motivos que influenciam os alunos a desenvolverem atitudes conflituosas, (Tabela 3) são mais os professores do ensino público comparativamente com os do ensino privado, que atribuem a causa destas atitudes ao desinteresse académico, á existência de um ambiente familiar instável e ao querer chamar a atenção dos outros. Por sua vez são mais os professores do ensino privado, que afirmam que as características da personalidade do próprio aluno e a baixa autoestima, também influenciam o desenvolvimento de atitudes conflituosas.

No que concerne à frequência com que ocorrem determinados comportamentos dos alunos dentro da sala de aula, verifica-se que os professores do ensino público são os que mais assumem que, os seus alunos às vezes recusam-se a trabalhar na sala, respondem com má educação aos professores e dizem palavrões. As interrupções à aula com comentários descontextualizados assim como as agressões verbais dirigidas aos colegas são comportamentos constantes que estão também mais significativamente associados ao ensino público.

Relativamente aos motivos que geram conflitos entre professor e aluno, temos mais professores do ensino público a considerar que a desvalorização do papel do docente e o facto de o aluno não gostar da escola, às vezes geram conflito. Quando questionados acerca das técnicas de gestão de conflitos, a grande maioria dos professores afirmou não as conhecer, utilizando o diálogo como estratégia de resolução dos conflitos.

Os resultados obtidos imergem-nos na problemática dos conflitos, no qual todos os envolvidos tentam descortinar qual o melhor caminho para lidar com estas situações. Isto leva-nos a concluir que o processo para tentar colmatar e atenuar os conflitos implica uma escola aberta à mudança, onde prevaleça a cultura do diálogo e da negociação de decisões, nas quais os conflitos não são um obstáculo à boa convivência entre os membros tal como salientam Ortega e Del Rey, (2003). A escola deverá conceber um ambiente que proporcione satisfação à medida das necessidades dos alunos, visando o sucesso integral de todos os seus membros.

No que se reporta à vertente humana nesta complexa dinâmica dos conflitos, queremos destacar neste estudo o universo do aluno, os fatores que influenciam o desencadear dos conflitos bem como a sua resolução. Devem ser implementadas nas escolas práticas para que as crianças desenvolvam uma cultura de solidariedade, aprendendo a reconhecer e aceitar as suas emoções e as do outro, adquirindo um progressivo controlo sobre as mesmas traçando objetivos e mobilizando recursos que desencadeiem o sucesso no seu percurso educativo tal como defendem Amado e Freire (2009).

Por sua vez o papel do professor é de extrema importância, durante todo o processo de resolução das situações conflituosas, uma vez que os conflitos mal geridos podem terminar na violência devido à destruição dos vínculos. Estas situações geralmente culminam na demonstração de preconceitos e discriminação, na agressão física ou moral, na anulação ou destruição da dignidade e da cidadania dos indivíduos e na marginalidade. A estratégia utilizada pelo professor na gestão de conflitos influencia tanto a conduta dos alunos como a prática profissional dos

docentes. Carita e Fernandes (1997) salientam a importância da definição de regras de conduta explícitas, as quais permitem uma melhor organização do trabalho e das relações entre os alunos e o professor. Será imprescindível também que os professores reflitam sobre a sua ação pedagógica, numa prática que incida sobre a sua formação integral e a dos seus alunos. É necessário que se formem e repensem algumas das suas práticas educativas, ponderando se estas contribuem para a resolução dos conflitos ou para um sucessivo adiamento e agravamento do problema.

Outro aspeto fundamental é a aposta em formação nesta área, pois só o conhecimento empírico demonstrado pelos professores tem-se revelado insuficiente para reduzir os conflitos. O ensino é um pilar social por isso Nóvoa et al, (1997) afirmam que as exigências da evolução social e tecnológica obrigam o professor a estar em contínua reflexão sobre a sua prática pedagógica, na procura de uma formação contínua, numa perspetiva contextualizada e reflexiva, para atender às necessidades impostas pela sociedade atual.

A gestão de conflitos na escola está diretamente relacionada com as relações estabelecidas entre os intervenientes. O principal objetivo à volta desta problemática não é eliminar a curto prazo os conflitos, mas sim construir projetos de intervenção educativa, que visem envolver os alunos e a comunidade educativa a proporcionar um ambiente agradável à aprendizagem e ao entendimento mútuo. De destacar aqui o papel das técnicas de gestão de conflitos principalmente a mediação. Esta caracteriza-se por uma técnica multidisciplinar que surge como resposta a uma situação de conflito, na qual ambas as partes se consideram inaptas para descobrir uma solução aceitável e satisfatória (Guillén Gestoso, 2007). Tem o intuito de procurar acordos entre as pessoas envolvidas, através da transformação das adversidades comuns geradoras do conflito, numa dinâmica cooperativa (Muszkat, 2005). Freire (2002) afirma que as pessoas que são capazes de atuar e regular os conflitos sozinhas, precisam de ser instruídas para o fazer. Entra aqui o papel da educação, o de consciencializar ambas as partes da realidade, cedendo ferramentas que regulem positivamente o conflito. É assim fundamental focar a participação ativa dos alunos na resolução dos próprios conflitos, pois é através da responsabilização e sensibilização destes, que se conseguirá alcançar um ambiente harmonioso, propício à aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbagnano, N. (1998). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Acuff, F. (1993). *How to negotiate anything with anyone anywhere around the world*. New York: American Management Association.
- Amado, J. & Freire, I. (2009). *A(s) Indisciplina(s) na Escola Compreender para Prevenir*. Coimbra: Almedina.
- Carita, A. (2005). *Conflito, moralidade e cidadania na aula*. Porto: Campo de Letras.
- Carita, A. & Fernandes, G. (1997). *Indisciplina na Sala de Aula*. Lisboa: Editorial Presença.
- Costa, M. (2003). *Gestão de conflitos na escola*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Cunha, M. (2004). *Manual de comportamento organizacional e gestão*. Lisboa: Editora RH.
- Freire, P. (2002). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Guillén Gestoso, C. (2007). *Estratégias de negociação*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Muszkat, S. (2005). *Guia prático de mediação de conflitos – em famílias e organizações*. São Paulo: Editoria.
- Nóvoa, A. et al. (1997). *Os Professores e a sua Formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Ortega, R. & Del Rey, R. (2003). *La Violencia Escolar – Estrategias de Prevención*. Barcelona: Graó.

RECURSOS ELECTRÓNICOS

- Chispino, A. (2007). *Gestão de conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação*. Rio de Janeiro. Retirado a 7 de Janeiro de 2009 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362007000100002&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt
- Pain, J. (2006). *Conflict, négociation, coopération*. Retirado em 11 de Março de 2009 de <http://www.cahiers-ed.org>